

IV enanparq

Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Porto Alegre, 25 a 29 de Julho de 2016

A ARQUITETURA E SEUS DESCONTENTES SESSÃO TEMÁTICA: MAL-ESTAR NA ARQUITETURA

Coordenadores da sessão: Gustavo Rocha-Peixoto e Laís Bronstein

José Barki
PROURB • FAU / UFRJ
zbki@globo.com

A ARQUITETURA E SEUS DESCONTENTES

RESUMO

Álvaro Siza afirma não conceber a imaginação como a origem da invenção absoluta. Arquitetura parece ser uma 'prática' que trabalha com a imaginação. Práticas são, por definição, empreendimentos adaptáveis, sempre difíceis de serem concretizadas, já que não podem solucionar todos os desafios com os quais se deparam. Assim como apenas uma pequena parte de todos os sons que são produzidos pode ser considerado música, poucas edificações merecem ser qualificadas como 'Arquitetura'. O 'Mundo Real', de certa forma, estabelece limites para a criação dessa 'Arquitetura', um dado que fornece às 'práticas arquitetônicas' tanto a sua razão de ser como da sua importância. Arquitetura tem sempre que vir a ser em resposta a algo que falta, não como só construção, mas como poesia. Se assim o é com toda certeza se poderia afirmar que não haveria necessidade da existência da Arquitetura no Paraíso. Como Siza arquitetos influentes questionam e exercitam uma discussão fértil do ofício e do ato de projetar. De fato, talvez os principais 'descontentes' com a arquitetura sejam os arquitetos; afinal de contas, na maioria das vezes, são os próprios que em última análise classificam e organizam o conjunto de saberes, elementos e relações que poderiam ser qualificados como pertinentes à Arquitetura, mas ainda limitadas pelas condições adversas que o 'Mundo Real' estabelece. No entanto, diante dos desafios que se apresentam à civilização ocidental na atualidade cabe perguntar qual seria a alternativa para uma 'prática' consequente? Ainda que aceitando esse 'descontentamento', o saber cresce e se adequa buscando o que faz um determinado objeto graficamente concebido ou efetivamente construído ser o que é. Talvez a lembrança da "Douta Ignorância" [*De Docta Ignorantia*] de Nicolau de Cusa, também lembrada por Siza, que busca, com humildade, o conhecimento e a sabedoria, seja o horizonte e exemplo de uma atitude virtuosa.

Palavra-chave: prática arquitetônica 1.

ARCHITECTURE AND ITS DISCONTENTES

ABSTRACT

Álvaro Siza argues that the imagination cannot be the source of absolute invention. Architecture seems to be considered as a 'practice' that works with imagination. Practices are, by definition, adaptive enterprises, always difficult to be implemented, since they cannot solve all the challenges that they face. As only a small part of all the sounds that are produced can be considered music, few buildings deserve to be qualified as 'Architecture'. The 'Real World', in a way, sets limits for the creation of this 'Architecture', a fact that provides 'architectural practices' both their reason for being and its importance. Architecture has always come to be in response to something missing, not only as a construction, but also as poetry. If so is surely one could say that there would be no need for the existence of Architecture in Paradise. Leading architects as Siza exercise a fertile discussion about the craft and the art of designing. In fact, perhaps the main 'discontents' with architecture are architects themselves; after all, most of the time, but still limited by the adverse conditions that the 'Real World' determine, they are the ones who classify and organize the knowledge, the elements and relationships that could be qualified as relevant to Architecture. However, faced with the challenges confronting the Western civilization today one wonders what would be the alternative to a consequential 'practice'? Although accepting that 'dissatisfaction', knowledge grows seeking what makes a conceived or effectively built object be what it is. Perhaps the recollection of "Learned Ignorance" [*De Docta Ignorantia*] of Nicolaus Cusanos, also considered by Siza, which seeks with humility, knowledge and wisdom, is the prospect and example to a virtuous attitude.

Keyword: architectural practice 1.

1.

Como argumento inicial, seria razoável propor analisar o descontentamento que parece afligir a Arquitetura sob três ângulos:

1º) Considerando a gradual perda da importância da Arquitetura como uma espécie de “agente” civilizatório e de renovação cultural, como uma espécie de ‘condição histórica’ de fundo que informaria e enriqueceria as experiências diárias das pessoas. É muito provável que hoje se dê mais importância aos ‘gadgets’ tecnológicos, à comunicação visual, ao chamado mundo virtual, e às mais variadas coisas — os objetos ‘cult’ de ‘design’ — que vestem as pessoas ou ‘abarrota’ os seus espaços habitados: são esses que tem o valor ‘cultural’ (civilizatório?) que antes poderia ter sido dedicado à Arquitetura. Ou seja, pelo ângulo dos ‘Críticos Culturais’.

2º) Considerando o desajuste que ocorre em grande parte dos espaços projetados e efetivamente construídos: evidência reconhecida nas alterações, adaptações, ajustes, intervenções e no (mau) uso que deles se dá. Ou seja, pelo ângulo dos ‘Usuários’ — ou até mesmo dos chamados ‘stakeholders’, principalmente os chamados intervenientes intermediários e externos.

3º) Considerando uma espécie de ‘insatisfação permanente’ nos ‘criadores’ de formas e espaços. Insatisfação que se pode inferir nos textos de crítica e no culto ao croqui de concepção e aos desenhos de apresentação — evidentes nas publicações do campo disciplinar —, e que sem dúvida revelam a distância entre o sonho imaginado e a realidade concreta, entre o projeto e a obra executada. Ou seja, pelo ângulo dos próprios ‘Arquitetos’ (ou ‘Autores/Criadores’).

Entretanto, considerando o meu particular descontentamento, só caberia aqui examinar a questão reconhecendo unicamente este último foco.

2.

Em seu depoimento no livro imaginar a evidência (2012) o famoso arquiteto Álvaro Siza afirma não conceber a imaginação como a origem da invenção absoluta. Argumenta que o poder da imaginação além de concentrar e condensar descobertas anteriores, estimula a intuição e um olhar “...que nada deixa passar para tudo captar e colocar em outra ordem.” Para Siza “...encontrar os motivos que fazem nascer as edificação” seria “...como aproximar-se da verdade para além das formas [...] Uma espécie de **ignorância sábia**... se treina os olhos para encontrar a evidência das coisas sem ter cara de fazê-lo.” (grifo do autor).

3.

De fato, talvez se possa considerar que o raciocínio imediato, seja ‘em si’, uma coisa simples: resolve problemas elementares de causa e efeito, proporções, identidade e diferença, etc. No entanto, os atos do pensamento humano abrangem domínios muito mais amplos, não só no espaço e no tempo da realidade imediata, mas eventualmente atingindo estados de ‘abstração’ e ‘projeção’ que irão ultrapassá-los. O universo do raciocínio imediato é restrito em comparação com os do desejo, do juízo (valor) e da fantasia: poder-se-ia aqui propor que a imaginação humana é a faculdade que produziria as formas e as analogias que possibilitam transcender infinitamente uma situação presente dada.

A espécie humana tem feito ao longo do tempo um gigantesco esforço para evoluir e aprimorar o raciocínio imediato por meio de artifícios: os desenhos nas cavernas e o advento da linguagem articulada foram as primeiras modalidades de um ‘pensamento artificial’. Logo em seguida vieram a contagem e a invenção de narrativas que preservadas seriam passadas às gerações seguintes. Lendas e mitos fundariam as culturas e as civilizações.

O que define um ‘ser’ humano é a sua disposição de ‘ser’ capaz de organizar como um conjunto ordenado tudo aquilo que imagina, raciocina, memoriza ou com o que se emociona. Mas, e talvez o mais importante, é que com relação a este conjunto será também capaz de avaliar a veracidade ou falsidade daquilo que a sua própria mente vai ‘produzir’ e eventualmente ‘conhecer’. É mais do que evidente de que não se pode conhecer, pela observação direta ou supostamente ‘isenta’, a imensidão do real. Mas, certamente, se poderia ter dela algum resultado que se traduz em ‘visões’ ou imagens.

É muito provável que é sobre estas imagens que se construirá algum tipo de conhecimento que se poderia qualificar como ‘racional’. Alguns autores até sugerem que a razão humana

não operaria diretamente sobre os dados dos sentidos, mas sobre imagens, ‘coletadas’ e ‘arquivadas’ na mente. Neste caso, se poderia se entender a proposição de Álvaro Siza considerando uma especulação de cunho aristotélico de que será a imaginação humana que atuará como uma espécie de elo de ligação entre o sensível e o inteligível.

No entanto; nada, realmente e absolutamente nada, está aqui neste ‘Mundo Real’ para acolher a espécie humana, aceita-la e dizer sim a uma vida tranquila e simples. Não há nenhuma base sólida e duradoura para construir coisas estáveis (e de beleza ‘permanente’) neste ambiente difícil e complexo; o que há, com certeza, são as próprias pessoas esperando que outras (mais ou menos habilitadas) possam imagina-las, inventa-las e fazê-las. Talvez até se poderia especular que neste ‘Mundo Real’ um indivíduo melancólico, introvertido, pensativo, possuiria uma sensibilidade especial perante os mistérios da ‘realidade’ e das perplexidades da vida, interrogaria o destino com ansiedade e angústia, carregando estoicamente um tormento particular em busca da completude.

No caso particular do projeto, um exemplo notável seria o da ‘invenção’ de Brasília pelo arquiteto Lúcio Costa (1902-98): como projeto, talvez seja o resultado da breve e abençoada inspiração de um homem esperançoso de natureza nostálgica e, naquele momento — dada a perda (e talvez até um certo sentimento de culpa) da muito amada esposa —, talvez triste e melancólico. Coincidentemente, estados de alma que, como havia interpretado o Historiador Paulo Prado, no seu **Ensaio sobre a Tristeza Brasileira** (1928), e como também interpretaria o sociólogo Gilberto Freyre — este último contrário à realização de Brasília —, teriam sido importantes na conformação cultural mestiça brasileira.

Em **Melancholy and Architecture On Aldo Rossi** (2015), Diogo Seixas Lopes examina a obra do arquiteto Aldo Rossi (1931-97) através de uma noção muito especial e importante: a ‘*melancolia*’. O autor argumenta que, neste caso, esta noção “...*não é apenas uma qualidade ocasional que possa estar presente no seu trabalho, mas uma categoria crucial para interpretar toda a arquitetura de Rossi*”. De fato, a influência da noção de ‘*melancolia*’ na literatura e nas artes visuais tem sido bem estudada; no entanto, na arquitetura em particular não recebeu a atenção merecida.

Rossi, quando ainda era somente um teórico divulgava suas idéias arquitetônicas com textos polêmicos e desenhos sofisticados que guardavam alguma afinidade com Giorgio de Chirico e com a *scuola de la pittura metafisica*. Descartando pretensões quiméricas, seu trabalho reivindicou a autonomia da arquitetura com um vocabulário plástico restrito e fundamental. Mesmo assim, foi um arquiteto com um pensamento inquieto e incerto que oscilava atormentado entre imagens do ‘monumentalismo’ visionário e sublime — que pulsa

de Boullée ao 'realismo socialista' — e das ruínas clássicas re combinando-as com uma contenção formal restrita e decorosa.

Produzia significativamente, mas poucos acreditavam que suas ideias e aqueles objetos arquitetônicos um tanto inusitados poderiam encontrar lugar na concretude do 'Mundo Real'. No entanto, pouco a pouco — principalmente depois da grande difusão do seu livro L'Architettura della Città (1966) e da influência ocasionada pela apresentação do projeto para o Cemitério de San Cataldo em Modena — foi ganhando encargos importantes .

Particularmente, é através da análise criteriosa da criação emblemática de um Cemitério que Seixas Lopes demonstra como Rossi interpretando uma tipologia originária e fundadora ultrapassa os limites específicos da arquitetura e imagina uma representação significativamente simbólica da morte e da tristeza que a acompanha. Explorando em profundidade o trabalho do renomado arquiteto, o autor traça a brusca oscilação entre entusiasmo e desencanto que eventualmente marcaria seu trabalho. O que resulta deste texto é um elogio à '*melancolia*' como recurso intelectual de compreensão aguda do 'Mundo Real'. Ou, como arremata Seixas Lopes: "...[n]o final, a *melancolia* é uma questão de caráter. E assim é a arquitetura". Solução que talvez seja mais estranha ao entendimento atual do campo disciplinar do que o vocabulário formal inusitado e solene da arquitetura de Rossi.

4.

A conta de uma imaginação inquieta e em desassossego (lembração de Fernando Pessoa/Bernardo Soares), a Arquitetura poderia ser considerada, paradoxalmente portanto, um ato — um delirante, melancólico e surpreendente ato — de construção sem nenhuma razão objetiva e clara, no sentido literal de que a Arquitetura estaria fora de qualquer cálculo racional [*A felicidade está fora da felicidade* — Fernando Pessoa/Bernardo Soares]. No entanto, é através dessa mesma Arquitetura que os indivíduos podem perceber novas formas de experiência espacial que teriam sido impossíveis em condições naturais.

Por incrível que possa parecer, e provavelmente contra o senso comum, a Arquitetura apresenta um tipo diferente por completo de espaço (ou ambiente), oferecido, como uma espécie de resistência civilizatória, mas sempre antinatural, contra um 'solo' instável, contra a falta de um planeta 'confiável', contra a falta de um lugar facilmente habitável.

É muito provável de que a Arquitetura seja mais mitologia do que ciência. E talvez não haja nada de errado com isso; talvez, de fato, esteja tudo certo com isso: a Arquitetura pretende ser sempre heroica pois em essência ambiciona transformar uma paisagem hostil no habitat

(um ambiente favorável, estimulante) de alguém. O que é escolhido (eleito) e qualificado — notadamente pelos próprios arquitetos — como Arquitetura é com a intenção de que também seja aceito como ‘obra de arte’, ou seja, construção que transcende o uso a que se destina e a funcionalidade que se lhe exige e por isso mesmo pode inspirar beleza: é essa beleza o que lhe permitiria perdurar. Infelizmente, grande parte das vezes a ambição heroica tem como resultado o fracasso e a insatisfação.

Enfim, a Arquitetura é sobre a falta de estabilidade e de como lidar com ela. A Arquitetura é sobre o vazio e de como atravessá-lo. A Arquitetura é sobre a inospitalidade do mundo e de como viver dentro dele. Arquitetura tem sempre que vir a ser em resposta a algo que falta, não como só construção, mas como poesia. Se assim o é, com toda certeza se poderia afirmar que não haveria necessidade da Arquitetura no Paraíso.

Arquitetura pode ser considerada fundamentalmente como uma ‘prática’, uma noção que tanto transmite uma sensação de ação mas que também denota uma atividade sem uma conclusão definitiva. Práticas são, por definição, empreendimentos adaptáveis, sempre difíceis de serem concretizadas, já que não podem solucionar todos os desafios com os quais se deparam. Assim como apenas uma pequena parte de todos os sons que são produzidos pode ser considerado música, poucas das edificações que são idealizadas, ou que de algum modo são de fato executadas, merecem ser qualificadas como ‘Arquitetura’. O ‘Mundo’ (obviamente, incluindo-se aí as pessoas que viveram, vivem e viverão), de certa forma, estabelece limites para a criação dessa Arquitetura, dado que proporciona à ‘prática arquitetônica’ tanto a sua razão de ser como sua importância e valor.

5.

Como o citado Álvaro Siza, outros arquitetos influentes questionam e exercitam uma discussão fértil do ofício e do ato de projetar. De fato, os principais ‘descontentes’ com a arquitetura seria os próprios arquitetos; ao fim e ao cabo, na maioria das vezes, são eles mesmos que em última análise classificam e organizam o conjunto de saberes, elementos e relações que poderiam ser qualificados como pertinentes à Arquitetura, mas ainda limitadas pelas condições adversas que o ‘Mundo Real’ estabelece.

Mas essa Arquitetura — e aqui poderia caber uma pergunta: a ‘boa’? E ainda mais outra: será que é possível considerar alguma como ‘má’? — é esquivada e difícil de ser alcançada. Caberiam ainda outras perguntas (retóricas, obviamente): será que precisamos dessa Arquitetura? Será ela sempre supérflua e até desnecessária (e daí um eterno

'descontentamento')? Construções tecnicamente resolvidas não seriam suficientes para resolver as necessidades fundamentais de abrigo e proteção da pessoas?

Se porventura forem aceitas unicamente essas últimas, ter-se-ia que considerar que para uma 'prática' consequente, diante dos desafios que se apresentam à civilização ocidental na atualidade, talvez se tenha que reconhecer no campo disciplinar da arquitetura (ou, pelo menos, construção com alguma intenção formal) três planos de reflexão e ação distintos, mas necessariamente relacionados: um plano básico em que se reconheça os valores fundamentais da tradição ocidental de compromisso com a busca da verdade, ética, liberdade e democracia. Um outro plano que se poderia tratar como o mundo real no qual as coisas 'existem' e no qual, de fato, a arquitetura se realiza e se manifesta tanto como projeto (a ideia materialmente representada e apresentada) e/ou como espaço concretizado (e, de fato, construído). E um terceiro plano que se poderia tratar como formal/ideal.

O plano de base estabelece um quadro de referência estável sem qualquer tipo compromisso com o 'relativo': respeito absoluto com a coisa pública, com o esforço acumulado pelas gerações passadas para construir o bem comum e o legado para as gerações futuras.

No plano das coisas reais os desafios que devem ser enfrentados hoje parecem se desdobrar em três temas aparentemente simples, mas de fato complexos: 1º) adequação ambiental; 2º) flexibilidade programática e 3º) processos construtivos limpos, eficientes e econômicos.

O último plano lidaria hipoteticamente com questões fundamentais da forma arquitetônica, entendendo ser aceitável propor uma espécie de 'linguagem' elementar da arquitetura independente de tempo e lugar. Um modo de entendimento 'ideal' da autonomia da arquitetura; ou seja, assumindo a ideia de que a razão essencial da arquitetura é a arquitetura ela mesma.

6.

Siza, Rossi, Hejduk, não são minimalistas: trabalham com um vocabulário formal restrito, combinado elementos fundamentais (volumes, planos e linhas) com maestria e rigor, tentando uma conexão histórica com o 'tipo'. Mies como Wright rompem com a 'caixa' (o volume) e trabalham principalmente com planos (superfícies) e linhas dando um valor especial aos materiais construtivos tradicionais: a pedra, o tijolo, a madeira e o ferro. No caso particular de Wright o ornamento não é uma adição, mas parte integrante da concepção. Niemeyer se qualifica como 'inventor original'; no entanto, arremata retas e curvas repetindo-se; no fim das contas, a repetição, que acaba por ficar diferente, seria o

seu estilo (lembrança de Manoel de Barros). Em essência buscam com fervor aquilo que o espaço e a construção, parafraseando o mestre Louis Khan, gostariam de ‘ser’: buscam o ‘caráter’ do projeto. A Imaginação é servida pela memória, percepção, razão e a emoção. A intuição e o inconsciente reforçam essa busca por uma conexão do olho (o *sensível*) com a mão (o *inteligível*). A Imaginação com ‘vontade’ e ‘desejo’ (lembrança de Bachelard) norteia o desenho: a ideia se materializa nos riscos que poderão informar a construção. Entretanto, muitas vezes as ‘rochas empilhadas’ teimam em voltar para o lugar de onde vieram: o Sísifo (lembrança de Camus) melancólico confronta seu esforço absurdo.

Ainda que aceitando um descontentamento ou ‘insatisfação permanente’, o saber cresce e se adequa buscando o que faz um determinado objeto graficamente concebido ou efetivamente construído ser o que é. Ainda que aceitando que não se alcançará um modelo ou referência ‘ideal’ que possa satisfazer a todas as pessoas, o campo disciplinar, mesmo assim, deve avançar.

7.

A guisa de conclusão (*infelizmente inconclusa*) vale lembrar a advertência de Freud:

“...todo indivíduo é virtualmente inimigo da civilização, embora se suponha que esta constitui um objeto de interesse humano universal...” (**Futuro de uma Ilusão**, [em inglês **The Future of an Illusion**, 1927]) *“...A questão fatídica para a espécie humana parece-me ser saber se, e até que ponto, seu desenvolvimento cultural conseguirá dominar a perturbação de sua vida comunal causada pelo instinto humano de agressão e autodestruição. Talvez, precisamente com relação a isso, a época atual mereça um interesse especial. Os homens adquiriram sobre as forças da natureza um tal controle, que, com sua ajuda, não teriam dificuldades em se exterminarem uns aos outros, até o último homem. Sabem disso, e é daí que provém grande parte de sua atual inquietação, de sua infelicidade e de sua ansiedade...”* (**O mal-estar na civilização** [em inglês **Civilization and Its Discontents**, 1929 e, em alemão **Das Unbehagen in der Kultur**, 1930])

Quiçá, também a lembrança da “Douta ignorância” de Nicolau de Cusa, enfatizada no depoimento de Álvaro Siza, que uma busca pelo conhecimento e sabedoria com humildade, seja o horizonte e exemplo de uma atitude ‘prática’ mais consequente e virtuosa.



Figura 1 – Grafite na Arquitetura de Siza: **BONJOUR TRISTESSE (1983) x BITTE LEBN (2012)**
[Wohnhaus Schlesisches Tor - Berlin 2012 © Esra Akcan / CCA]

8.

Melancolicamente, constato que o descontentamento que expresse por extenso soa moralista e, infelizmente, tem até um certo jeito de manifesto. Talvez fosse mais óbvio afirmar simplesmente que o motor da imaginação é o descontentamento e ponto final. Temo que a qualidade das minhas considerações aproximam-se perigosamente das elucubrações do Dr. Simão Bacamarte. Era preferível, sem dúvida, que eu tivesse a fina ironia do autor que imaginou esta ilustre figura e assim conseguir escapar com alguma graça da prisão dos ditames inúteis.